



**ST 01. AS CIDADES E OS USOS DO PASSADO DIÁLOGOS COM A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS**

11

**MEMÓRIAS E INSTITUIÇÃO - RELATOS SOBRE A ESCOLA POLITÉCNICA DE CAMPINA GRANDE**

*José Valmi O. Torres<sup>1</sup>*

*Fábio Ronaldo da Silva<sup>2</sup>*

*Dra. Rosilene Dias Montenegro<sup>3</sup>*

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E MEMÓRIA: UM PROJETO DE PESQUISA**

Percebendo a ausência de uma história da ciência e tecnologia em Campina Grande, em 2004 um grupo de professores das Unidades Acadêmicas de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande criou o Projeto Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia de Campina Grande (1952-2002), aprovado em edital do CNPq (2004-2005) e, depois obteve auxílio da FAPESQ/CNPq (2008-2010). O Projeto, desde o início, teve como proposta principal realizar a localização, reunião, organização e preservação das fontes documentais escritas, bem como recolher depoimentos orais dos sujeitos que participaram do esforço pioneiro e contínuo de produção de conhecimento científico e tecnológico no âmbito da antiga Escola Politécnica, desde sua criação até os dias atuais, transformada em Centro de Ciência e Tecnologia, e da Faculdade de Ciência Econômica, transformada em Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

O objetivo mais amplo é, uma vez reunido e organizado o acervo da memória da científica e tecnológica do Centro de Ciência e Tecnologia (CCT) da UFCG, *Campus* de Campina Grande, realizar o trabalho de organização e preservação de documentos e depoimentos referentes à história da produção científica e tecnológica nos demais centros da UFCG localizados em Campina Grande (Centro de Humanidades e Centro de Ciências Básicas da Saúde); e, por fim, a organização do acervo documental referente às demais instituições que trabalham com pesquisa e desenvolvimento de tecnologia na cidade.

Dentre os principais trabalhos desenvolvidos na Instituição, está a catalogação e organização dos arquivos existentes no setor arquivístico (intermediário).

<sup>1</sup> Mestre em História pelo PPGH/UFCG. Pesquisador do Projeto Memória da Ciência e Tecnologia de Campina Grande. Professor da E.E.E.F. M Virginius da Gama e Melo. E-mail: [josevalmi@yahoo.com.br](mailto:josevalmi@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutorando do PPGH/UFPE. Pesquisador do Projeto Memória da Ciência e Tecnologia de Campina Grande. E-mail: [fabiocg@gmail.com](mailto:fabiocg@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da UAH/UFCG. E-mail: [rosilenemontenegro@gmail.com](mailto:rosilenemontenegro@gmail.com)

Ao longo desses, quase, dez anos, o Projeto Memória já desenvolveu pesquisa sobre a história e memória da Escola Politécnica da Paraíba, origem do antigo Campus II da UFPB, hoje Universidade Federal de Campina Grande; pesquisa sobre a história da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) que deu origem ao Centro de Humanidades e pesquisa referente às primeiras engenheiras da cidade de Campina Grande. Além de organizar o acervo da biblioteca pessoal de Lynaldo Cavalcanti, doada a Fundação Parque Tecnológico da Paraíba (PaqTcPB) e catalogar as matérias jornalísticas, de âmbito nacional e internacional, do PaqTcPB.

Dentre as produções em audiovisual, o Projeto Memória produziu vários vídeos, dentre eles, “Memórias do bairro das Malvinas” e encontra-se em processo de finalização um vídeo sobre as primeiras mulheres que fizeram curso de Engenharia na Escola Politécnica. Os dois vídeos foram produzidos com apoio do PIBIAC.

Desde as últimas décadas do século XX até o presente momento, a pesquisa em história vem passando por um grande processo de renovação teórico-metodológico, havendo a utilização tanto dos aportes teóricos do campo da História quanto os evidenciais, que não se limitam mais aos documentos escritos, mas as fontes orais, iconográficas, fílmicas, dentre outras.

Barros (2013) usa como metáfora o universo que está em expansão e faz uma reflexão sobre a diversificação da Historiografia atual, fazendo ainda projeções de novas possibilidades de temas que poderão vir a ser estudados futuramente pelos historiadores.

Enquanto no século XIX a História chama a atenção pelo papel desempenhado na reestruturação das nações européias e americanas, fazendo com que fosse percebido o seu papel para a compreensão das revoluções e movimentos de independência que estava ocorrendo no Ocidente, no século XX o foco muda e o que ganhará atenção é a reconfiguração do próprio saber historiográfico, assim como alargamento de temas e fontes, mas também com relação aos métodos, aportes teóricos, etc., ocorrendo, o que o autor chamará de “multidiversificação de modalidades internas ao saber histórico”.

Peter Burke (1992) vê esta mudança como uma “revolução historiográfica” na qual os novos historiadores reagiram a forma de se escrever história preconizada pela historiografia positivista.

Essa significativa mudança na historiografia inaugurou a possibilidade de trabalhar com novas, vastas e ricas fontes históricas, nas quais se buscam valorizar outros atores através da análise do processo social e da expansão de concepção de documento histórico.

Desta feita, o processo de construção de interpretação sobre a história das instituições educacionais terão como base os estudos sobre representações sociais, cultura escolar, grupos e classes sociais bem como aportes teóricos da História Oral, História da Imprensa, História do pensamento educacional, Memória, etc. Todavia, para elaboração dessa pesquisa, nos valem, em específico das discussões sobre Memória e História oral.

Devido o parco material sobre a Escola Politécnica, primeira instituição de ensino superior da cidade a oferecer cursos na área de Engenharia, optou-se por reescrever a história desta instituição através de notícias publicadas em jornais que se encontravam em circulação na época que a referida instituição fora criada e depoimentos de pessoas que estiveram envolvidas no processo de criação e manutenção da mesma.

A Politécnica foi criada em 1952 mediante a Lei nº 792, de 06/10/1952, oferecendo, inicialmente, o curso de Engenharia Civil. Após a criação da primeira instituição de ensino superior na cidade, outras foram surgindo, a exemplo da Faculdade

de Filosofia de Campina Grande (24/04/1954) e, em 15/03/1966 estaria sendo criada a Universidade Regional do Nordeste (URNe).

De acordo com Lima (2009) a criação da Politécnica, cujo projeto inicial envolvia as elites da região, representou a culminância de um processo de discussão que teve a participação de técnicos, políticos e empresários. Sendo neste contexto que a cidade surge como um forte pólo de disseminação científico-cultural da Paraíba.

Muitas empresas voltadas para o desenvolvimento também foram criadas nesse período, a exemplo da SANESA (Saneamento de Campina Grande Sociedade Anônima), a Companhia Municipal de Desenvolvimento (CUMUDE), o Fundo de Desenvolvimento Agro-industrial FADIN, o Banco de Fomento da Produção (BANFOP). Essas instituições foram de fundamental importância para o desenvolvimento de Campina Grande, (TORRES & MONTENEGRO, 2006).

Sede de um grande número de indústrias e bancos privados, Campina Grande possuía neste período, uma forte e influente elite comercial e financeira que percebia nos avanços científicos e tecnológicos uma forma de aquisição e exercício do poder, ao contrário da capital, João Pessoa, que possuía uma elite política e uma classe média constituída por profissionais liberais. Sendo esta diferença, possivelmente, que faria com que Campina se tornar-se um pólo de pensamento e difusão da ciência e tecnologia, pois o conhecimento advindo do ensino superior tinha a função social de servir a sociedade, produzindo conhecimento e fornecendo técnicos para a administração.

## **POR UMA HISTÓRIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM CAMPINA GRANDE**

Além de utilizarmos nas pesquisas do Projeto Memória fontes oficiais e dos jornais, recorreremos à história oral, pois entendemos que a mesma se apresenta como um campo de amplas possibilidades para o estudo do tempo presente em Campina Grande, ou seja, o estudo de um passado recente, capaz de ser apreendido, mesmo que parcialmente, pelas memórias daqueles que participaram da história dessa instituição de ensino.

O uso de memórias e depoimentos orais como objeto da historiografia são relativamente recente. De acordo com Alberti (2005), Montenegro (2001) e Bosi (1998) é possível afirmar que só após a Segunda Guerra Mundial vão surgir estudos nesse sentido, se opondo ao domínio da história positivista, que tem como base a documentação escrita. Os primeiros trabalhos desenvolvidos trouxeram depoimentos e histórias de vida de líderes sindicais e de representantes de minorias, objetivando elucidar lacunas encontradas no discurso dominante.

A história oral tem possibilitado uma ampliação de temas que se voltam para a contemporaneidade, a exemplo de história de bairros, das minorias, das instituições, estudos que se utilizam dessa metodologia. No entanto, apesar de não ser objetivo desse trabalho, existem ainda muitas controvérsias com relação ao seu uso, onde várias tendências se delineiam, cada uma portando uma compreensão.

Entre as inúmeras possibilidades de se reportar sobre a história oral, optamos por aquela que a define como uma metodologia. O que nos aproxima de historiadoras como Alberti (2006) e Delgado (2006), pois de acordo com a segunda,

A História Oral é um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar, através das narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre

a história em suas múltiplas facetas e dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2006, p. 15)

Ao recorrer a essa metodologia, entendemos que a “memória” deve ser concebida como algo seletivo e dinâmico onde, através de suas narrativas, nossos narradores buscavam enfatizar fatos que consideram importantes a serem registrados, ao mesmo tempo em que evitavam determinadas temáticas.

Durante as entrevistas realizadas pelos pesquisadores do Projeto Memória foi possível perceber algumas sensibilidades dos entrevistados ao (não) falar sobre determinados temas, por exemplo, falar do rompimento das relações do primeiro diretor, que saiu da Escola para fundar o Instituto de Química na Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João Pessoa, passaria vários anos sem voltar à Campina Grande. Além disso, resistiam em falar sobre sua experiência na Escola Politécnica, ou como foi o funcionamento da Instituição no período da Ditadura.

Sobre como era trabalhar na Politécnica no período da ditadura E.R.C.S, por exemplo, afirmou: “Eu não sei. A gente sabia que tinha entrado alunos militares aqui dentro. O pessoal apontava algumas pessoas que seria do SNI<sup>4</sup>, Polícia Federal, etc., um colega meu conversou e chegou a pensar que eu era da Polícia Federal”. Enquanto que M.A.R, após sorrir timidamente, ao ser feita a mesma pergunta, ela titubeia e afirma com uma voz que insistia em não sair: “é complicado falar, essas coisas assim”. Mesmo com todas as ressalvas possíveis, percebe-se que a segunda narradora tem mais resistência ao falar sobre o assunto do que o primeiro.

A história oral, dentre as outras metodologias, possui um importante diferencial, visto que o narrador faz as suas escolhas, (forja) os esquecimentos, os silêncios, quando se faz necessário, ou não. Mas é importante lembrar que o silêncio tem um papel bastante expressivo, porque o próprio silêncio se torna um elemento importante na história que está sendo narrada e, é ao mesmo tempo, é uma forma de lidar ou superar o passado. Pollak (1989) nos diz que, “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (p. 5).

Com relação aos antigos alunos e alunas que se tornariam professores e professoras dessa instituição, deixaram transparecer os lugares sociais da época, a exemplo do respeito com que falavam do primeiro diretor, Antônio da Silva Moraes, que esteve na direção da Instituição de 1952 a 1963.

Através de um levantamento na documentação oficial da Politécnica, foi possível observar uma lacuna sobre a participação feminina na história da instituição e nos espaços acadêmicos, visto que as mesmas só vão aparecer, em um primeiro momento, como secretárias. Apenas na década de 1960, é que as primeiras alunas começarão a surgir na Escola e, somente no final desta mesma década é que algumas engenheiras, formadas na instituição, passarão a ser professora. Sendo assim, as mulheres são majoritariamente as secretárias, as “organizadoras”, dificilmente, as planejadoras.

A.M.V.C.C uma das poucas ex-alunas da Escola Politécnica que se tornou professora da instituição fala que,

Jamais pensei na minha vida que fosse ser professora e eu fui parar ali [na Politécnica] para não ser professora, porque todas as minhas

<sup>4</sup> Serviço Nacional de Informações - Órgão de cúpula do sistema brasileiro de inteligência entre os anos de 1964 a 1990

colegas terminaram o ginásio e foram fazer Pedagogia para ser professora. Aí, eu fui parar lá pensando em não ser professora, eu pensava em fazer estradas. Terminei sendo professora, eu adorei ser professora. [...] Eu não quis mudar. Meu marido tem uma empresa construtora, todo mundo dizia: “deixa de ser lesa, tais ganhando tão pouco dentro dessa universidade. Vai trabalhar com teu marido!” Vou nada! Depois meu marido faliu, uma mão na frente e outra atrás, em depressão dentro de casa e eu, como professora, fazia a feira.

O depoimento, feito com bastante emoção, transparece o quanto a ex-aluna da Poli se percebe enquanto profissional que obteve êxito em um campo eminentemente ocupado por homens. Ela conseguiu se formar como engenheira, se tornou professora e pode ajudar nas despesas de casa nos momentos de maior fragilidade emocional e econômica do esposo. Isso nos remete a Chauí (1987) quando afirma que, “lembrar não é reviver, mas re-fazer” (p.20), visto que A.M.V.C.C não está apenas rememorando fatos ocorridos em sua vida, mas se colocando enquanto vencedora.

O discurso do herói estará presente em quase todos os depoimentos das pessoas que foram entrevistadas, afirmando sempre que faria tudo novamente para que Escola Politécnica continuasse sendo um local onde se formava engenheiros que estariam ajudando no crescimento da cidade, do estado e do Nordeste.

Como enfatiza J.M.A.Jr,

a importância da Escola Politécnica para o desenvolvimento da Paraíba e da região é imensurável, um grande número de engenheiros civis, eletricitas, mecânicos, saíam daqui como bons técnicos e respondiam à demanda na só da região, mas de todo Brasil. A Escola conseguiu manter um excelente padrão de ensino, a ponto de empresas como CHESF, SUDENE, DENOCS, DNER entre tantas outras virem solicitar, esses profissionais na própria Escola.

A partir dos anos de 1970 aumenta o interesse das mulheres em carreiras de áreas tecnológicas, fazendo crescer o ingresso nesse campo de ensino superior. É nessa mesma década que há uma maior participação das mulheres, enquanto alunas, na Escola Politécnica, sendo também a partir dos anos 1970 que as engenheiras dessa instituição, despertam o interesse para a realização de mestrado e doutorado visando se tornarem professoras.

Sendo assim, procuramos perceber através dos depoimentos desses atores, como era o ambiente da Escola Politécnica? Existia discriminação de gênero? As mulheres eram tratadas da mesma forma como os homens? De acordo com algumas entrevistadas, a Escola era rígida, existindo bastante formalidade. Os professores eram bem educados e corteses, bem como os rapazes. Isso não quer dizer, como as próprias colaboradoras relataram, que não existissem obstáculos em seus caminhos, barreiras historicamente construídas, que a primeira vista, poderia impedir essas jovens alçarem voos dentro do ambiente acadêmico.

Não obstante, algumas alunas nos relataram que, não percebiam nenhum tratamento diferenciado por ser mulher e, por estar em minoria em relação aos homens, falavam que o tratamento era o mesmo, que não existia ou até mesmo não percebia um olhar diferente por ser mulher.

Embora, algumas colaboradoras informaram que tinham que demonstrar a todo momento, que eram competentes e que estavam na Politécnica porque tinham realmente

capacidade e isso não deixa de ser uma forma de diferenciação. Como podemos ver no depoimento de M.F.Q.V.

Do ponto de vista profissional mesmo, você sentia aí, ainda hoje acho que faz sentido, que pra você ser considerado um bom profissional enquanto mulher você **tem que ser melhor do que os homens**, para eles lhe respeitarem, você pode ser muito bom enquanto um engenheiro, mas, para você ser engenheira, você tem que ser ótima para ser no mínimo aceitável como boa. Então essa situação assim de impor do ponto de vista do gênero sempre existiu.

Nesse sentido, podemos perceber através de relatos, bem como de alguns silenciamentos por parte de algumas entrevistadas que era presente a existência de discriminação de gênero. Isso nos possibilita pensar que um dos motivos desse “silenciamento” ocorra pelo fato de querer transmitir uma imagem positiva da Escola Politécnica, pois em todos os relatos, se enfatiza o pioneirismo, o dinamismo e a eficiência do ensino que era ministrado.

Narrar uma história alude em um método de racionalização, na medida que projeta o passado à inevitabilidade presente. Neste movimento ressurgem os erros, quase nunca admitidos ou mencionados, e acertos, as motivações, organizando um inventário de descobertas e, na maioria das vezes, intimamente, de reavaliação. Narra-se como se fora para o outro, narra-se para si mesmo em última instância.

Abaixo, segue o relato de A. S. M um dos diretores da Politécnica que, como é perceptível, se via como o responsável por criar uma escola de ensino superior na cidade.

Tivemos que lutar, porque o assunto era novo e o espírito do povo da época, naquele momento, isto era uma ideia sem mérito da expressão para negociar, de fazer negócios e ninguém estava pensando em detalhes, então começamos a trabalhar tentando pouco a pouco modificar esse pensamento, de forma que no final, o povo de Campina Grande, a sociedade aceitou plenamente aquela ideia de fazer essa Escola.(...)

Eu vivia uma situação curiosa de uma espécie de um político sem nenhum sentimento político. O pessoal tinha entregue aquilo [A Politécnica] para eu tomar conta e levar adiante. Eu achava que aquilo era uma coisa minha, aí eu tive que me desdobrar em termos de camaradagem, diplomacia, de convencer as pessoas que às vezes, não acreditava que a cidade tivesse condições de ter uma Escola de nível superior e de Engenharia. Então eu tive que enfrentar muitas coisas. A gente ia na calma, sem ferir ninguém e eu consegui levar o assunto adiante. Às vezes eu fazia uma indagação, pesquisa para ver se estava correspondendo às expectativas, aquele esforço que eu estava fazendo, aquela luta naquele ambiente de trabalho de criatividade que eu estava montando.

Fica evidente a preocupação por parte desse diretor de construir uma representação positiva de sua atuação frente à Escola Politécnica, pois tanto em seu relato, como em muitos outros, é constante nos depoimentos de ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários enfatizarem o pioneirismo e eficiência com que vinha sendo administrada a Politécnica e que a mesma estava contribuindo com o

desenvolvimento técnico científico de Campina Grande e demais região. Tendo ainda, amplo apoio de vários segmentos sociais, ideia presente em vários outros relatos.

Apesar desses discursos serem constantes, nas representações criadas sobre a Escola Politécnica, podemos através da metodologia da história oral, relativizar essa ideia tão difundida e propagada, a exemplo, temos o depoimento do segundo diretor.

Havia muito pioneirismo no seu curso de Engenharia Civil, contudo não se podia tapar o sol com a peneira. Os professores, mesmo quando ensinavam matérias básicas, não se dedicavam à pesquisa – não havia nenhuma tradição nesse sentido -, pois em geral, tratava-se de engenheiros que se dedicavam mais aos seus afazeres profissionais.

No depoimento de L.C.A, ele não nega o caráter pioneiro com que vinha sendo gerida a Escola Politécnica, mas relativiza um pouco essa imagem homogênea que vinha sendo difundidas em outros relatos até então.

Portanto, nosso interesse de trilhar por esse caminho, se deu no sentido de revisitar as lembranças, os sonhos, as nuances e dificuldades, desafios que homens e mulheres vivenciaram na criação e consolidação da primeira instituição de ensino superior na cidade de Campina Grande. Instituição esta, que possibilitou nos dias de hoje a essa cidade ser reconhecida como um polo de ciência e tecnologia no Nordeste brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

BARROS, José d'Assunção. **Expansão da História**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, Ltda, 1998.

BURKE, Peter.org. **A escrita da história**. Novas Perspectivas. 2ªed. São Paulo: UNESP. 1992.

LIMA, Rômulo de Araújo. **A luz que não se apaga** – Escola Politécnica da Paraíba e a formação de um campo científico-tecnológico. Campina Grande, EDUEPB. 2010

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto. 1992.

TORRES, José Valmi Oliveira; MONTENEGRO, Rosilene Dias. **Escola Politécnica: Construindo o imaginário de modernidade em Campina Grande através do Diário da Borborema**. 2006. <http://www.bocc.uff.br/pag/torres-jose-construindo-o-imaginario-de-modernidade.pdf>